

CADERNO 2

ANO IX NÚMERO 2.815 □ SEGUNDA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1994



O diretor turco Kutlug Ataman está na Mostra. Pág. 12



Diogo Mainardi virou roteirista. Pág. 12

Mercado disputa o raro Willys de Castro

Obras neoconcretas, que deveriam estar nos museus, são colocadas à venda amanhã

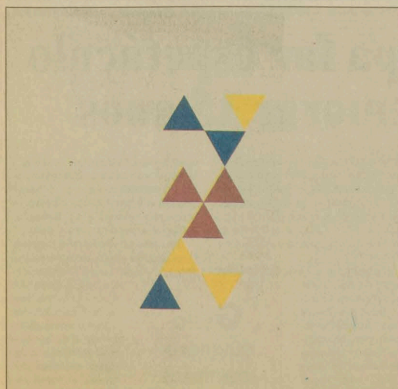
ANGÉLICA DE MORAES

Um dos nomes mais importantes da pintura abstrata geométrica brasileira, o mineiro Willys de Castro (1926-1988) teve uma produção de altíssima qualidade e número reduzido de peças, que mostrava raramente. Perfeccionista e autocentrado, não atendeu a demanda do mercado. Estas são algumas das razões que conferem importância à exposição individual que o Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca inaugura amanhã, com 17 obras antigas de Willys. Todas são raridades dignas de museu.

As obras datam de 1954 a 1961, período mais fértil da carreira do artista, então mergulhado na batalha pela implantação desse linguagem plástica no País. As telas são feitas com apenas três formas geométricas básicas: triângulo, círculo e quadrado. Várias delas participaram de mostras importantes como a IV Bienal de São Paulo (1957) e a Bienal de Paris de 1961. Pertencem ao acervo particular do pintor Hércules Barsotti, companheiro de Willys e outro nome essencial da arte construtiva. Juntos, eles fundaram em São Paulo, em 1954, o Estúdio de Projetos Gráficos e, em 1959, ingressaram no Neoconcretismo, movimento carioca que se contrapôs aos excessos racionalistas da arte concreta paulista.

No brilhante texto do catálogo (que não custa assolar a análise desse tipo de produção), o crítico e historiador de arte Frederico Moraes observa que o conjunto de trabalhos da mostra, "ao mesmo tempo que expõe o impecável pensamento plástico de Willys de Castro e sua individualidade criadora, permite ao visitante reexaminar alguns das questões que monopolizaram o debate artístico da década de 50".

Mais adiante, Frederico nota que "o Concretismo (1956) e o Neoconcretismo (1959), independente de suas divergências doutrinárias, sig-



'Pintura', óleo sobre tela de 1957 (à esquerda); 'Desintegração', de 1958 (ao centro); e 'Pintura 172', também de 1957; obra feita com equilíbrio rigoroso de triângulos e círculos

nificaram, juntos, uma bem articulada reação a uma figuração ideologicamente comprometida com um Brasil arcaico". O crítico lembra que "esta simplificação dos meios plásticos, reforçando a ideia de estrutura, coincidiu e em alguns casos antecipou o esforço de modernização da sociedade brasileira".

A exposição inclui 15 pinturas e dois objetos ativos, nome que o artista deu a obras em que rompe o espaço plano da tela e a investiu numa tridimensionalidade. Os objetos ativos requisitam a participação do público que, ao deslocar-se diante deles, descobre ângulos e cores que pertencem à composição.

A galerista Raquel Arnaud não esconde sua surpresa com a mostra, que envolve dois artistas identificados habitualmente com sua galeria Willys e Barsotti. "Fui amiga de Willys a vida inteira, finhamos um convívio muito grande", conta ele. "O velório de Willys foi na minha galeria e foi com telas dele que inaugurei a se-

ção de novo na Avenida Brigadeiro Luís Antônio". Raquel diz "estar magoada" por Barsotti não tê-la informado da intenção de realizar a exposição. "Barsotti não consultou nem a família do Willys antes de vender essa coleção para seu vizinho expor".

Raquel acredita que, diante da importância histórica do conjunto, Barsotti deveria primeiro tê-las cedido para uma exposição institucional, em um museu que as contextualizasse adequadamente. "Não vou culpar o dono da galeria, mas os amigos de Willys queriam algo melhor do que essa ocasião".

Barsotti sustenta: "Não tenho nada contra Raquel, apenas acho que tenho o direito de querer um espaço intimista para melhor expor a obra de Willys". Para ele, a exposição "é

um belo tributo e mostra uma trajetória que vai de trabalhos mais construídos até o despejamento total dos objetos ativos". Na fase posterior, lembra, o artista passaria às esculturas. Barsotti acha que "seria bom" que adquirissem esses trabalhos para doá-los a museus. "Apesar de muitas doações, Willys ainda não tem um bom conjunto em museu".

O jovem marchand Sylvio Nery da Fonseca — há três anos no mercado — sustenta que organizou sua exposição "de modo respeitoso, com a edição de um bom catálogo e muitos cuidados na montagem". Informa-se facilmente confirmadas através de uma visita à pequena mas bem organizada e iluminada galeria. Quanto à iniciativa, Sylvio acredita que "ninguém pode cobrar falta de atenção de Barsotti para com a memória de Willys, que já fez várias doações a museus".

SERVIÇO

Willys de Castro — pinturas. *Abra amanhã, às 20 horas, no Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca (r. Oscar Freire, 164 - 853.7346). Até 25 de novembro.*

Masp organiza retrospectiva do artista

O conservador-chefe do Museu de Arte de São Paulo, Fábio Magalhães, confirma as negociações para a retrospectiva de Willys de Castro em 1995 e informa que Hércules Barsotti doou três obras do amigo para a coleção do Masp. "Em 1991, procurei-o para obter doações ao museu tanto de obras dele como de Willys", conta. "Fomos atendidos com grande generosidade". Fábio lembra ainda que Barsotti doou obras de Willys para o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).

Fábio Magalhães acredita que "o fato da obra circular no mercado não prejudica, e sim favorece sua visibilidade e ajuda à sua permanência, evitando que fique concentrada na mão de poucos". Como a obra de Willys está catalogada, lembra ele, "não será difícil localizar seus donos, com auxílio das galerias, quando se realizar uma exposição museológica".

Um dos mais importantes colecionadores de arte construtiva do

País, o industrial Adolfo Leirner acredita que Barsotti "tem todo o direito de dispor de sua coleção sem consultar ninguém, assim como de escolher a galeria e o crítico para escrever o texto do catálogo". Leirner sustenta que "ninguém pode se considerar dono de um artista, embora eu não tenha dúvidas de que um pequeno grupo acha que é dono de Willys".

Para o colecionador, "quem deve se preocupar com a história da arte são os museus e se a retrospectiva ainda não saiu não é culpa dos galeristas nem dos colecionadores, mas dos museus".

Willys de Castro fez seus primeiros desenhos abstrato-geométricos em 1950. Data de 1953 o início da fase concreta. Em 1959, uniu-se ao grupo neoconcreto na mostra *Livro Poema*. Sua obra é tributária e seguidora das invenções visuais do pintor holandês Piet Mondrian e do escultor suíço Max Bill. Está na linhaagem visual, também, dos construtivistas russos liderados por Malevitch. (A.M.)

EXPOSIÇÃO PROVOCA PROTESTO DE GALERIA

MÚSICA

Lagoya apresenta hoje o melhor do violão

O violonista vai tocar peças de Albeniz, Tarrega e Diabelli no Clube Paulistano

JEAN-YVES DE NEUFVILLE

O violonista Alexandre Lagoya se apresenta hoje, às 20h30, em recital único no Auditório do Club Athletico Paulistano. É uma oportunidade para de apreciar a técnica deste instrumentista de 64 anos, artista plástico e gastrônomo, que já deu mais de 11 mil concertos, vendeu 5 milhões de discos e fez 27 voltas do mundo, além de ser o inventor de várias técnicas no seu instrumento e um dos professores mais requisitados na Europa.

ELE ASSUME AOS POUCOS O POSTO DE MAESTRO

trechos da entrevista exclusiva que concedeu ao Caderno 2.

Caderno 2 — O que acha da crescente importância do violão no cenário musical hoje?
 Alexandre Lagoya — O violão é um instrumento mais modesto e acessível, ao contrário do piano, mais elitista, difícil de adquirir e transportar, e, ao contrário do violino, mais difícil de tocar. O violão é o instrumento ideal para solista.

Caderno 2 — O que aprendeu de mais importante com Villa-Lobos, que foi seu professor?
 Lagoya — Eu me lembro perfeitamente dessas aulas, que ele ministrava no hotel Bedford, no bairro da Madaléine, em Paris. Eu era muito novo. Tive o privilégio de aprofundar com ele os aspectos estéticos de sua obra, principalmente a harmonia e a orquestração. Bem mais tarde, como resultado dessas aulas, gravei cinco *Préluces* de Villa-Lobos, entre 1969 e 1970.

Caderno 2 — O que nortearia a escolha do repertório deste recital?
 Lagoya — A falta de tempo (risos). Este é o programa que apresento atualmente em concertos na Europa. Com ele, pretendo mostrar um panorama representativo da melhores peças compostas para violão.

Caderno 2 — Dá tempo de gravar?
 Lagoya — Ainda estou comemorando o sucesso de duas coletâneas referentes aos meus 30 anos de carreira, lançadas pela Philips em 1992



Alexandre Sasaki/AE

e que me valeram três discos de ouro, algo em torno de 400 mil exemplares vendidos. Acabo de terminar a gravação de transcrições das *Danças Espanholas* de Bizet e peças de Zarzuela e Albeniz, com a orquestra de câmara de Saint Martin-Of-The-Fields, dirigida por Sir Neville Marriner. Este disco vai ser lançado somente em 1995.

Caderno 2 — Quais são seus projetos?
 Lagoya — Tenho uma nova pa-

xia, que é a direção de orquestra. Já dirigi orquestras de câmara na França e no Canadá, tocando obras como *O Barbeiro de Sevilha* e uma sinfonia de Haydn. Mas as pessoas não se conformam e exigem que eu toque.

SERVIÇO

Alexandre Lagoya — *Recital do violonista, hoje, às 21h30, no Club Athletico Paulistano (r. Honuraras, 1.400, ☎280-8633). Grátis.*

Blue Life
 ASSISTÊNCIA MÉDICA
 LIGUE JÁ:
(011) 259-8000

CURITIBA
 8:00h
 12:30h
 17:30h
 20:00h
 Saídas de Congonhas - SP.
 RESERVAS: (0800) 123-100
TAM
 Um estilo de voar